



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 15, Issue, 06, pp. 68627-68629, June, 2025

<https://doi.org/10.37118/ijdr.29639.06.2025>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AUTOIMAGEM: ANATOMIA E PERCEPÇÃO ENTRE OS ALUNOS DA UEPB

Filipe Natan Agra Martins¹, Marcos Antônio Jerônimo Costa², Waléria Bastos de Andrade Gomes Nogueira³, Igo de Oliveira Santos⁴, Eloisa Silva Valentim⁵ and Gabriela de Lourdes Dantas Cavalcante⁶

¹Estudante de Graduação em Ciências Biológicas; Universidade Estadual da Paraíba; João Pessoa, PB;

²Professor do Curso de Ciências Biológicas; Universidade Estadual da Paraíba; João Pessoa, PB;

³Enfermeira. Mestre em Saúde da Família pelo Programa de Pós-Graduação Profissional (FACENE).

Docente do curso de graduação da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança; Av. Frei Galvão, 12,

Gramame, João Pessoa, PB; ⁴Bacharel em Medicina na instituição Faculdade Nova Esperança

(FAMENE); Av. Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa, PB; ⁵Bacharel em Medicina na instituição

Faculdade Nova Esperança (FAMENE); Av. Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa, PB; ⁶Estudante da

Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Estadual da Paraíba; João Pessoa, PB.

ARTICLE INFO

Article History:

Received 14th March, 2025

Received in revised form

29th April, 2025

Accepted 16th May, 2025

Published online 30th June, 2025

Key Words:

Anatomia humana; Imagem corporal; Corpo, Transtornos dismórficos.

*Corresponding Author:

Wiseman Osman Wanna,

ABSTRACT

A Anatomia é a ciência que estuda a morfologia macroscópica do corpo. Na anatomia artística, valoriza-se a variação e as características presentes em uma minoria, muitas vezes associadas a um ideal de beleza e felicidade. Essa busca incessante pelo perfeito tem levado muita gente a desenvolver problemas mentais que podem evoluir para Transtornos Dismórficos Corporais (TDC). O objetivo deste trabalho foi avaliar, entre os alunos da UEPB, a percepção quanto à sua morfologia e a de outros indivíduos e identificar possíveis traços de TDC. Este estudo trata-se de uma pesquisa do tipo exploratório descritiva, com abordagem qualitativa, em fontes primárias. Segundo os resultados encontrados, a maioria se considerava “Nem feio, nem bonito”. Os que se consideravam “feio” não passaram de 5%. Quanto à variável “menos gosto” no corpo, o nariz e a barriga foram os mais citados. A importância da aparência física para se enturmar foi considerada importante para 25% dos entrevistados. Já para um relacionamento amoroso, 45,8% afirmaram que a aparência tem importância moderada. Embora não tenha sido identificado nenhum portador de transtornos dismórficos, o comportamento apresentado pelos jovens da UEPB indica traços para a instalação dos TDC.

Copyright©2025, Wiseman Osman Wanna et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Filipe Natan Agra Martins, Marcos Antônio Jerônimo Costa, Waléria Bastos de Andrade Gomes Nogueira, Igo de Oliveira Santos, Eloisa Silva Valentim and Gabriela de Lourdes Dantas Cavalcante. 2025. “Autoimagem: Anatomia e Percepção entre os Alunos da Uepb”. *International Journal of Development Research*, 15, (06), 68627-68629.

INTRODUCTION

A busca pelo auto ideal de beleza tem levado muita gente a problemas mentais que podem evoluir para Transtornos Dismórficos Corporais (TDC). Esses transtornos caracterizam-se por uma preocupação exagerada da forma corporal ao ponto de identificar defeitos mínimos ou inexistentes em alguma estrutura ou região do corpo (BARBOSA et al., 2021; MEDEIROS et al., 2022). O diagnóstico de TDC é difícil uma vez que os limites entre uma insatisfação pessoal natural e um transtorno são subjetivos (BARBOSA et al., 2021). Assim, simples variações anatômicas podem se transformar em defeitos anatômicos uma vez que o TDC causa sofrimento contínuo devido a insatisfação com a aparência, acarretando prejuízos funcionais tanto na vida social quanto produtiva do indivíduo, podendo atingir graus elevados de comorbidade (Dornelas et al., 2019).

Alguns comportamentos comumente encarados como vaidade, podem ser indicadores de traços que levam a transtornos dismórficos ou mesmo já serem sintomas da instalação deste agravo. Partindo da hipótese de que a busca pela imagem corporal perfeita auto idealizada é um fator determinante e condicionante para a instalação dos transtornos dismórficos corporais, o objetivo deste trabalho foi avaliar, entre os alunos da UEPB, a percepção quanto à sua morfologia e a de outros indivíduos e identificar possíveis traços de transtorno dismórfico corporal - TDC.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de Pesquisa: Exploratória descritiva, com abordagem qualitativa, em fontes primárias colhidas por meio de um formulário estruturado.

Local da Pesquisa: Dependências do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba em João Pessoa.

Coleta e Análise dos Dados: A coleta se deu por meio de um questionário contendo perguntas relevantes a aparência física e comportamentos que poderiam ser sinais de TDC. Para a análise das informações geradas pelo estudo, foi montada uma base de dados no programa Excel, contendo os dados de avaliação da autopercepção.

Os dados foram analisados quanto aos vários critérios abordados no formulário. Primeiro, foi avaliado os dados da autopercepção que posteriormente foi confrontado com a percepção do subgrupo correspondente da Uniesp.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 24 alunos da UEPB, distribuídos em 4 grupos. Entre os entrevistados, a médias de idade dos participantes foi de 21 anos, sendo a menor 18 e a maior de 27 anos. Quanto ao sexo, metade foi do sexo masculino e metade do sexo feminino. Já em relação ao gênero, 91,7% declararam CIS e 8,3% não responderam. Nenhum participante marcou a alternativa TRANS. O percentual de 8,3 % de pessoas que não responderam pode indicar desconhecimento do significado das abreviações, insegurança de gênero ou medo de se expor. Esse desconhecimento sobre as novas terminologias, provavelmente parte do ponto de que estas palavras estão restritas aos ciclos das ciências sociais. Em um estudo realizado na cidade do Recife – Pe, 78% dos jovens entre 14 a 16 anos entrevistados, reconheciam como gênero o sexo biológico (CARVALHO; MELO, 2019). Resultados semelhantes foram encontrados em Palmas – TO (MOTA *et al.*, 2021). Estes resultados sugerem provavelmente o senso comum, que faz mais sentido para eles no cotidiano.

A imagem corporal é um condicionante importante para o bem-estar de um indivíduo e o nível de satisfação com sua imagem pode trazer grandes benefícios sociais devido ao grau de segurança emocional que pode proporcionar. Ao questionar como os participantes encaravam sua aparência física, 54,2% dos entrevistados se consideravam “Nem feio, nem bonito”, já 4,2% se considera “muito bonito”, 37,5% “bonito” e 4,2% se consideravam “feio”. Quando perguntado sobre o grau de satisfação em relação a alguma parte ou região corporal, apenas 33,0% estavam satisfeitos. Os “insatisfeitos” e os “muitos insatisfeitos” somaram 32,0% dos entrevistados, os que afirmaram “nem satisfeito, nem insatisfeito” somam quase 28,0%. Os “muito satisfeitos” somaram apenas 7,6%. A região corporal ou parte específica de maior satisfação entre os participantes foi a altura (45,8%), seguido pelo corpo na totalidade, glúteos e mamas, todos com 41,7%. Entre os muito satisfeitos, o cabelo foi a variável de maior valor (29,2%), seguido pela pele (16,7%). Quanto às partes corporais de menor satisfação entre os “satisfeitos”, observa-se que a pele é o órgão de menor satisfação (12,5%), já para os “muito satisfeitos” ficaram empatados em 4,2%, rosto, barriga, peso, totalidade do corpo, glúteo e mamas.

Ao analisarmos as regiões de menor satisfação, sorriso e musculatura foram os mais apontados. Entre os insatisfeitos, 41,7% citaram o sorriso e 37,5% a musculatura. Para os “muito insatisfeitos” o peso e os glúteos apresentaram maiores valores (16,7% cada), seguido pela musculatura com 12,5%. Nesta variável, o item peso corporal foi avaliado e mostrou que mais da metade dos participantes estavam “satisfeitos” ou “insatisfeitos” (29,2% cada), e para “nem satisfeito, nem insatisfeito” foram 20,8%. O peso corporal foi motivo de muita insatisfação em 16,7% dos participantes. A avaliação do Índice de Massa Corporal (IMC) dos participantes mostrou dados bem semelhantes à percepção dos entrevistados. Conforme os valores do IMC analisados segundo a Associação Médica Brasileira e o Conselho Federal de Medicina (AMB; CFM, 2004), 45,8% dos participantes estavam com intervalo normal, 25% pré-obeso, 20,8% abaixo do peso e 8,3% encontravam-se em obesidade I. Por ser uma região de maior exposição, foi perguntado de forma subjetiva aos participantes, o que ele mais gostava e o que menos gostava no próprio rosto. Quanto à variável “mais gosto”, as respostas mais

frequentes foram os olhos (45,8%), o sorriso (16,7%) e a boca (12,5%). Também houve registro para nevo melanocítico, comumente conhecido como “pinta” ou “sinal” e para as efélides, popularmente conhecidas como sardas (4,2% cada). Para a variável “menos gosto” no meu rosto, o mais citado foi o nariz (41,7%), seguido pelo queixo (12,5%), os olhos e boca com 8,3% cada. Nesta variável também foram citadas as acnes, popularmente chamadas de cravos (acne de grau I) e espinhas (acne de grau II) também com 8,3%. O mesmo questionamento subjetivo, o que você mais gosta e o que menos gosta, foi feito aos participantes para analisar sua percepção em relação ao corpo. Na variável “mais gosto”, as respostas mais frequentes foram as pernas (20,0%), seguidos por abdome (15,0%), e cabelo, tórax, cintura, coxas, todos com (10,0%). Entre as respostas menos frequentes, estavam mamas, braços, costas, glúteos e pele (tabela 3). Para a variável “menos gosto” no meu corpo, o mais citado foi a barriga (29,2%), seguido pelo tórax, pés e peso, todos com 12,5%, e com 8,3% os glúteos e a musculatura. Também foram citados os olhos, cintura, pernas, entre outros locais. Em relação ao corpo, observou-se que apareceram mais itens na variável “mais gosto”, com 11 citações diferentes, do que na “menos gosto”, com 10. Também se observa que a barriga e tórax foram as regiões de grande importância nas duas variáveis.

Ao questionar se os participantes gostariam de realizar alguma intervenção cirúrgica para corrigir algum defeito. A maioria (43,8%) não havia interesse, 16,7% gostariam de realizar algum procedimento e 39,6% responderam que talvez. Para os que gostariam, a mamoplastia de aumento, a subcisão e cirurgia refrativa (olhos) foram os procedimentos mais almejados (33,0%). Entre os que afirmaram que talvez, a rinoplastia foi a mais citada com 60,0% das intenções, seguido mamoplastia de aumento e ortognatia, ambos com 20,0%. Foi pedido aos participantes para avaliar o grau de importância da aparência física em várias situações, como 1 quanto a sua autoestima, 2 em um relacionamento amoroso, 3 para se enturmar, 4 na busca de uma vaga de emprego ou estágio e 5 no crescimento profissional em uma empresa (tabela 5).

Analisando as respostas, observa-se que a aparência física é importante ou muito importante para a autoestima, para a busca de uma vaga de emprego ou estágio e para se enturmar em um grupo de amigos, segundo os entrevistados. Para a autoestima, 37,5% afirmaram ser importante e 29,2%, muito importante. Já quanto à busca de uma vaga de emprego ou estágio, estes percentuais foram 25% e 4,2% respectivamente. Para a mesma variável, 12,5% afirmaram não ter importância e 33,3% afirmaram que às vezes a aparência física é importante. Para se enturmar em um grupo de amigos, 37,5% afirmaram que a aparência física não tem importância, para 25% é importante e para 8,3% é muito importante. Em um relacionamento amoroso, 45,8% afirmaram que a aparência tem importância moderada, 20,8% é importante e 12,5%, muito importante.

Quando perguntado o grau de importância da aparência física no crescimento profissional em uma empresa, 16,7% afirmaram ser importante e 4,2% muito importante. Os que acham a aparência sem importância somaram 29,2%. Quando questionado se a aparência física já o havia deixado incomodado, observou-se que as respostas “frequentemente” e “muito frequente” somadas, foram mais altas para a rua e para a academia, com 41,7% e 33,3% respectivamente, seguidos pela presença do parceiro (29,2%). Com o grupo de amigos, as respostas com maior frequência foram “ocasionalmente” ou “raramente”, com 37,5% e 33,3% respectivamente. Com o parceiro, o maior percentual foi para “raramente” (41,7%), seguido por “frequentemente” (29,2%). No grupo de trabalho, 58% “nunca” ou “raramente” se sentiram incomodados com a aparência. Enquanto na rua, apenas 4,2% nunca ficaram incomodados e na academia apenas 9,5%. Entre os comportamentos que podem evoluir para os transtornos dismórficos corporais, estão a atenção excessiva com a aparência, como ajeitar sempre o cabelo, olhar sua imagem repetidamente, está sempre preocupada com o peso e com as dietas, está sempre maquiada, entre outros. Neste sentido, foi perguntado aos participantes com que frequência eles incorrem nesses

comportamentos. Quanto a verificar repetitivamente a aparência no espelho ou na tela do celular, 33,3% afirmaram que faziam ocasionalmente, 37,5% com frequência e 20,8%, com muita frequência. Ajeitar o cabelo citado por todos os participantes e atingiu quase 50% dos que afirmaram ter esse comportamento como “muito frequente”. Para 29,2%, é um hábito “frequente”, e para quase 20,8%, ocasional. O uso de roupas para destacar ou esconder alguma parte, ou traço do corpo foi “muito frequente” para 20,8% dos participantes, seguido por “raramente” e “frequentemente” com 25% cada, e ocasionalmente, com 20,8% das respostas.

Estar sempre maquiada, à procura de procedimentos estéticos e dietas, apresentaram maiores percentuais para “nunca” e “raramente”, com mais da metade dos entrevistados. Posteriormente, foi pedido para os participantes avaliarem a aparência física, por meio de uma fotografia, dos participantes de outro grupo, cujas pessoas eles não conheciam. Observou-se que os valores percentuais foram bem semelhantes à apresentada na autoavaliação. Os indivíduos considerados bonitos atingiram 47,9% do grupo, contra 50% na autoavaliação. 33,3 foram considerados nem bonito, nem feio, enquanto na autoavaliação esse percentual foi de 39,6%. Os considerados feios atingiram o mesmo valor nas duas avaliações (4,2%) e os muito bonitos e os muito feios não pontuaram nesta variável por terceiros. Também foi perguntado quais partes do rosto daquela imagem mais agradavam ou menos agradavam aos participantes. Como se viu anteriormente, as respostas também foram bem similares. Na variável “mais gosto”, os olhos foram os órgãos mais citados (43,8%) e assemelhou-se com a autoavaliação (45,8%). Mesmo ocorreu para o sorriso, 18,8% na avaliação por terceiros e 25% na autoavaliação. Apenas a boca apresentou diferença, atingindo apenas 4,2% na avaliação por terceiros contra 14,6% na autoavaliação.

Alguns locais, como lábios, cabelo, orelhas, bochechas, sobrancelhas, testa e barba, apresentaram resultados apenas na avaliação por terceiros. Quanto à variável “menos gosto” no rosto da imagem, o nariz foi o mais citado, com 33,3% das respostas contra 39,6% na autoavaliação. Nessa avaliação, a boca também apresentou diferenças marcantes, somando 10,4% na avaliação por terceiros e 4,2 na autoavaliação. Surpreendente foi o número de pessoas que afirmaram não ter nada que menos gostasse (20,8%) quando comparado à autoavaliação (4,2%). Em relação ao corpo, o cabelo apresentou grande diferença entre a avaliação por terceiros e a autoavaliação. No primeiro grupo, apenas 4,2% responderam que mais gostavam, enquanto na autoavaliação, esse percentual foi quase três vezes maior (12,2%). O mesmo aconteceu para o abdome, 6,3% por terceiros e 12,2 na autoavaliação. Na variável “menos gosto”, o abdome e as pernas apresentaram as maiores diferenças. Em relação ao abdome, apenas 10,4% afirmaram que menos gostava segundo a avaliação por terceiros, enquanto na autoavaliação esse percentual chegou a 29,8%. Para as pernas, os valores foram 4,2% para terceiros e 12,8 na autoavaliação. Para 33,3%, não havia nada na imagem de que ele mais gostasse e 62,5% de que ele menos gostasse. Quando perguntado o que ele mudaria se fosse aquela pessoa da imagem, 12,5% responderam a musculatura, 10,4% o nariz, o cabelo e as sobrancelhas apresentaram cada uma 8,3% das respostas e os que não mudariam nada atingiu 37,5%.

CONCLUSÕES

Embora não tenha sido identificado nenhum portador de transtornos dismórficos, o comportamento apresentado pelos jovens da UEPB indica traços para a instalação dos TDC.

Agradecimentos : “O presente trabalho foi realizado com apoio do Curso de Ciências Biológicas e do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da UEPB, bem como do PIBIC/CNPq – UEPB.

REFERÊNCIAS

- Associação Médica Brasileira, & Conselho Federal de Medicina. 2004. Projeto Diretrizes: Sobre peso e obesidade: diagnóstico. Disponível online em https://amb.org.br/files/_BibliotecaAntiga/sobrepeso-e-obesidade-diagnostico.pdf
- Barbosa, E. C., Andrade, M. V., Noletto, D. C., Lauck, A. J. M., Couto, J. V. T., & Hartmann, R. 2021. Transtorno dismórfico corporal: Aspectos clínicos e psicopatológicos sob a perspectiva do cirurgião plástico. *Revista Educação em Saúde*, 9(Suppl. 1).
- Carvalho, J. B., & Melo, M. C. 2019. A família e os papéis de gênero na adolescência. *Revista Psicologia e Sociedade*, 31. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>
- Dornelas, M. T., Corrêa, M. P. D., Corrêa, L. D., Dornelas, G. V., Soares, A. A., Dornelas, L. V., Corrêa, L. D., & De-Oliveira, Y. M. 2019. Transtorno dismórfico corporal sob a perspectiva do cirurgião plástico. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, 34(1), 108–112.
- Drake, R. L., Vogl, A. W., & Mitchell, A. W. M. 2015. *Anatomia clínica para estudantes – Gray’s* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Medeiros, L. P. de, Souto, B. L. C., Fernandes, V. L., Tristão, M. L. V., Dias, L. C., Silva, M. A., Rocha, L. C. dos S. O., Nepomuceno, B. F. V., Neto, R. S., & Moura, I. G. S. 2022. Transtorno dismórfico corporal: Relação com os padrões de beleza. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 15(3).
- Moore, K. L. 2012. *Anatomia orientada para clínica – Moore* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Mota, A. G. S., Silva, A. F., & Neto, Z. L. G. 2021. Reflexões sobre gênero, desinformação e educação na cidade de Palmas – TO. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 10(1). <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4924>
- Saikali, C. J., Soubhia, C. S., Scalfaro, B. M., & Cordás, T. A. 2004. Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(4), 164–166. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400006>
- Secchi, K., Camargo, B. V., & Bertoldo, R. B. 2009. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 229–236. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000200011>
- Xavier, A. R., Medeiros, E. M., Timóteo, L. K. L., Santos, M. J. S., Corrêa, N. A. R., Rodrigues, R. R. V., Sousa, S. I. F., Almeida, V. C. F. M., & Feitosa, W. L. Q. 2018. Padrão de beleza corporal na idade adulta jovem entre 20 e 30 anos. *Psicologia.pt: O portal dos psicólogos*. Disponível online em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0444.pdf>
